

**GOSTARIA DE BAIXAR  
TODAS AS LISTAS  
DO PROJETO MEDICINA  
DE UMA VEZ?**

**CLIQUE AQUI**

ACESSE

**WWW.PROJETOMEDICINA.COM.BR/PRODUTOS**



**Projeto Medicina**

## Exercícios com Gabarito de Português

### Funções de Linguagem

#### 1) (ENEM-2006)

A linguagem  
na ponta da língua  
tão fácil de falar  
e de entender.  
A linguagem  
na superfície estrelada de letras,  
sabe lá o que quer dizer?  
Professor Carlos Góis, ele e quem sabe,  
e vai desmatando  
10 o amazonas de minha ignorância.  
Figuras de gramática, esquemáticas,  
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.  
1Ja esqueci a língua em que comia,  
em que pedia para ir lá fora,  
em que levava e dava pontapé,  
a língua, breve língua entrecortada  
do namoro com a priminha.

O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade. Esquecer para lembrar. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

Explorando a função emotiva da linguagem, o poeta expressa o contraste entre marcas de variação de usos da linguagem em

- situações formais e informais.
- diferentes regiões dos pais.
- escolas literárias distintas.
- textos técnicos e poéticos.
- diferentes épocas.

#### 2) (ENEM-2007) O canto do guerreiro

Aqui na floresta  
Dos ventos batida,  
Façanhas de bravos  
Não geram escravos,  
Que estimem a vida  
Sem guerra e lidar.  
— Ouvi-me, Guerreiros,  
— Ouvi meu cantar.  
Valente na guerra,  
Quem há, como eu sou?  
Quem vibra o tacape  
Com mais valentia?  
Quem golpes daria  
Fatais, como eu dou?  
— Guerreiros, ouvi-me;  
— Quem há, como eu sou?  
Gonçalves Dias.

Macunaíma  
(Epílogo)

Acabou-se a história e morreu a vitória.

Não havia mais ninguém lá. Dera tangolomângolo na tribo Tapanhumas e os filhos dela se acabaram de um em um. Não havia mais ninguém lá. Aqueles lugares, aqueles campos, furos puxadouros arrastadouros meios-barrancos, aqueles matos misteriosos, tudo era solidão do deserto... Um silêncio imenso dormia à beira do rio Uraricoera. Nenhum conhecido sobre a terra não sabia nem falar da tribo nem contar aqueles casos tão pançudos. Quem podia saber do Herói? Mário de Andrade.

Considerando-se a linguagem desses dois textos, verifica-se que

- a função da linguagem centrada no receptor está ausente tanto no primeiro quanto no segundo texto.
- a linguagem utilizada no primeiro texto é coloquial, enquanto, no segundo, predomina a linguagem formal.
- há, em cada um dos textos, a utilização de pelo menos uma palavra de origem indígena.
- a função da linguagem, no primeiro texto, centra-se na forma de organização da linguagem e, no segundo, no relato de informações reais.
- a função da linguagem centrada na primeira pessoa, predominante no segundo texto, está ausente no primeiro.

3) (Enem Cancelado-2009) O texto a seguir é um trecho de uma conversa por meio de um programa de computador que permite comunicação direta pela Internet em tempo real, como o MSN *Messenger*. Esse tipo de conversa, embora escrita, apresenta muitas características da linguagem falada, segundo alguns linguistas. Uma delas é a interação ao vivo e imediata, que permite ao interlocutor conhecer, quase instantaneamente, a reação do outro, por meio de suas respostas e dos famosos *emoticons* (que podem ser definidos como “ícones que demonstram emoção”).

**João diz:** oi

**Pedro diz:** blz?

**João diz:** na paz e vc?

**Pedro diz:** tudo trunk 😊

**João diz:** oq vc tá fazendo?

[...]

**Pedro diz:** tenho q sair agora...

**João diz:** flw

**Pedro diz:** vlw, abc

Para que a comunicação, como no MSN *Messenger* se dê em tempo real, é necessário que a escrita das informações seja rápida, o que é feito por meio de

- frases completas, escritas cuidadosamente com acentos e letras maiúsculas (como “oq vc tá fazendo?”).
- frases curtas e simples (como “tudo trunk”) com abreviaturas padronizadas pelo uso (como “vc” – **você** – “vlw” – **valeu!**).
- uso de reticências no final da frase, para que não se tenha que escrever o resto da informação.

- d) estruturas coordenadas, como “na paz e vc”.
- e) flexão verbal rica e substituição de dígrafos consonantais por consoantes simples (“qu” por “k”).

4) (Enem Cancelado-2009) Sentimental

1 Ponho-me a escreverteu nome  
com letras de macarrão.

No prato, a sopa esfria, cheia de escamas 4 e debruçados na  
mesa todos contemplam  
esse romântico trabalho.

Desgraçadamente falta uma letra, 7 uma letra somente para  
acabar teu nome!

— Está sonhando? Olhe que a sopa esfria!

10Eu estava sonhando...

E há em todas as consciências este cartaz amarelo: "Neste  
país é proibido sonhar."

ANDRADE, C. D. Seleta em Prosa e Verso. Rio de Janeiro: Record, 1995.

Com base na leitura do poema, a respeito do uso e da  
predominância das funções da linguagem no texto de  
Drummond, pode-se afirmar que

a) por meio dos versos "Ponho-me a escrever teu nome"  
(v.1) e "esse romântico trabalho" (v.5), o poeta faz  
referências ao seu próprio ofício: o gesto de escrever  
poemas líricos.

b) a linguagem essencialmente poética que constitui os  
versos "No prato, a sopa esfria, cheia de escamas e  
debruçados na mesa todos contemplam" (v.3 e 4) confere  
ao poema uma atmosfera irreal e impede o leitor de  
reconhecer no texto dados constitutivos de uma cena  
realista.

c) na primeira estrofe, o poeta constrói uma linguagem  
centrada na amada, receptora da mensagem, mas, na  
segunda, ele deixa de se dirigir a ela e passa a exprimir o  
que sente.

d) em "Eu estava sonhando..." (v. 10), o poeta demonstra  
que está mais preocupado em responder à pergunta feita  
anteriormente e, assim, dar continuidade ao diálogo com  
seus interlocutores do que em expressar algo sobre si  
mesmo.

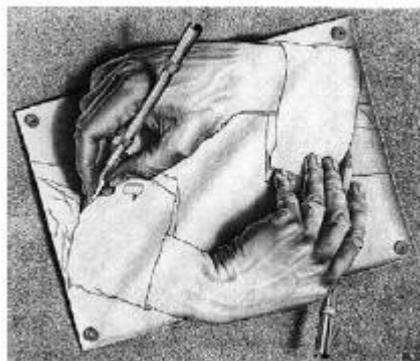
e) no verso "Neste país é proibido sonhar." (v. 12), o poeta  
abandona a linguagem poética para fazer uso da função  
referencial, informando sobre o conteúdo do "cartaz  
amarelo" (v.11) presente no local.

5) (FGV-1998) A frase abaixo apresenta ambigüidade:

Ministro falará da crise no Canal 17.

Reescreva essa frase, alterando a ordem das palavras, para  
eliminar a ambigüidade;  
na resposta, acrescente uma vírgula à frase.

6) (Fuvest-2004)



Observe, ao lado, esta gravura de Escher:

Na linguagem verbal, exemplos de aproveitamento de  
recursos equivalentes aos da gravura de Escher encontram-  
se, com freqüência,

- a) nos jornais, quando o repórter registra uma ocorrência  
que lhe parece extremamente intrigante.
- b) nos textos publicitários, quando se comparam dois  
produtos que têm a mesma utilidade.
- c) na prosa científica, quando o autor descreve com isenção  
e distanciamento a experiência de que trata.
- d) na literatura, quando o escritor se vale das palavras para  
expor procedimentos construtivos do discurso.
- e) nos manuais de instrução, quando se organiza com  
clareza uma determinada seqüência de operações.

7) (IBMEC-2001) A foto e o texto abaixo foram extraídos do  
20º Anuário do Clube de Criação de São Paulo. Nesse  
volume, vêm relacionados os melhores trabalhos da criação  
publicitária produzidos no Brasil entre fevereiro de 1994 e  
março de 1995.



A seguir, transcrevemos o texto que acompanha a foto.

O Rio Tietê recebe, em sua breve passagem por São Paulo,  
uma carga de, aproximadamente, 60 toneladas de esgoto  
por dia. Você faz idéia do que são 60 toneladas de esgoto?  
E num só dia? É mais ou menos o que se precisa para  
encher o Ginásio do Ibirapuera. Até a boca. Agora imagine  
o cheiro disso. Não, o cheiro é melhor você nem tentar  
imaginar. As autoridades, para variar, mostram-se  
absolutamente incompetentes ou simplesmente  
desinteressadas em solucionar o problema que já foi  
resolvido em outros países, escoradas numa sociedade

incapaz de pressionar e movimentar esta modorra interminável.

Mas tudo isso não é de se estranhar levando-se em conta que o Tietê vive cercado de pessoas que jogam lixo na rua sem a menor cerimônia, não demonstrando o menor orgulho ou afeto pela cidade em que vivem. Que desprezam a própria cidadania ao permitir que se desmantelem serviços públicos prioritários em favor de pontes, canteiros e túneis. A maioria não liga a mínima se o Tietê é um rio limpo ou um tipo de lixo navegável. A maioria não se importa se o Tietê secar e virar um imenso atoleiro fecal. A maioria sequer imagina que um rio morto, numa espécie de retribuição mórbida, aos poucos mata também tudo o que vive à sua volta. A conclusão a que se chega, portanto, é que os marginais nesta história somos nós, cidadãos paulistanos, que quedamos inertes diante de tão bárbara e ignóbil agressão. Mas nada disso é imutável. Existe vida após a morte sim. Basta acreditar e lutar por ela. Exija das autoridades o cumprimento do projeto de limpeza do Tietê. Mande cartas, telegramas, faxes. Telefone se for preciso. Nenhum esforço é demasiado quando o objetivo é trazer um ente tão querido de volta à vida.

*Tietes do Tietê*

Sabe-se que nenhum texto é escrito por mera diversão.

Existe sempre um enunciador (ou vários) que, por meio do texto construído, pretende(m) atingir certo resultado.

Nesse caso, pode-se afirmar que o texto foi criado, principalmente, para:

- a) persuadir os que vivem às margens do Tietê, os marginais, a não jogarem no rio dejetos de suas moradias.
- b) denunciar à população em geral que as agressões de que é vítima o Tietê são de tal modo repulsivas, que o leitor sequer pode tentar imaginar.
- c) alertar a população e as autoridades contra os riscos decorrentes de um possível secamento do rio Tietê e sua transformação num imenso atoleiro de fezes.
- d) mobilizar a coletividade paulistana para a despoluição do rio Tietê, não só evitando a descarga de lixo em suas águas, mas também cobrando das autoridades as devidas providências.
- e) informar a população de que existe um projeto de limpeza do Tietê, engavetado pelas autoridades.

### 8) (IBMEC-2006) Me devolva o Neruda

(que você nem leu)

Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o “que você nem leu”. A palavra Neruda - prêmio Nobel, chileno, de esquerda - era proibida no Brasil. Na sala da Censura Federal o nosso poeta negociou a proibição. E a música foi liberada quando ele acrescentou o “que você nem leu”, pois ficava parecendo que ninguém dava bola para o Neruda no Brasil. Como eram burros os censores da ditadura militar! E coloca burro nisso!!!

Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela. Imagine a cena. No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta: me devolva o Neruda que você nem leu! Pense nisso.

Pois eu pensei exatamente nisso quando comecei a escrever esta crônica, que não tem nada a ver com o Chico, nem com o Neruda e, muito menos, com os militares.

É que eu estou aqui para dizer um tchau. Um tchau breve porque, se me aceitarem - você e o diretor da revista -, eu volto daqui a dois anos. Vou até ali escrever uma novela na Globo (o patrão vai continuar o mesmo) e depois eu volto. Esperando que você já tenha lido o Neruda.

Mas aí você vai dizer assim: pó, escrever duas crônicas por mês, fora a novela, o cara não consegue? O que é uma crônica? Uma página e meia. Portanto, três páginas por mês e o cara me vem com esse papo de Neruda?

Preguiçoso, no mínimo.

Quando faço umas palestras por aí, sempre me perguntam o que é necessário para se tornar um escritor. E eu sempre respondo: talento e sorte. Entre os 10 e 20 anos, recebia na minha casa O Cruzeiro, Manchete e o jornal Última Hora. E lá dentro eu lia (me invejem): Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Stanislaw Ponte Preta, Carlos Heitor Cony. E pensava, adolescentemente: quando eu crescer, vou ser cronista.

Bem ou mal, consegui meu espaço. E agora, ao pedir de volta o livro chileno, fico pensando em como eu me sentiria se, um dia, um desses aí acima escrevesse que iria dar um tempo. Eu matava o cara! Isso não se faz com o leitor (desculpe, minha amiga, não estou me colocando no mesmo nível deles, não!)

E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):

Escuchas otras voces en mi voz dolorida

Llanto de viejas bocas, sangre de viejas súplicas,

Amame, compañera. No me abandones. Sigueme,

Sigueme, compañera, en esa ola de angústia.

Pero se van tiñendo con tu amor mis palabras

Todo lo ocupas tú, todo lo ocupas

Voy haciendo de todas un collar infinito

Para tus blancas manos, suaves como las uvas.

Desculpe o mau jeito: tchau!

(Prata, Mario. Revista Época. São Paulo. Editora Globo, Nº- 324, 02 de agosto de 2004, p. 99)

Relacione os fragmentos abaixo às funções da linguagem predominantes e assinale a alternativa correta.

I - “Imagine a cena”.

II - “Sou um homem de sorte”.

III - “O que é uma crônica? Uma página e meia.

Portanto, três páginas por mês e o cara me vem com esse papo de Neruda?”.

a) Emotiva, poética e metalingüística, respectivamente.

b) Fática, emotiva e metalingüística, respectivamente.

c) Metalingüística, fática e apelativa, respectivamente.

d) Apelativa, emotiva e metalingüística, respectivamente.

e) Poética, fática e apelativa, respectivamente.

### 9) (Mack-2005) Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente  
[protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.  
(...)]

Estou farto do lirismo namorador

Político

Raquítico

Sifilítico

**Manuel Bandeira**

Assinale a afirmativa correta.

- O lirismo caracterizado no terceiro verso é o oposto do lirismo comedido (primeiro verso).
- No quarto verso, o eu lírico repudia o envolvimento amoroso.
- Raquítico e Sifilítico, nesse contexto, são palavras antônimas.
- No terceiro verso, as expressões que caracterizam o lirismo pertencem a campos semânticos diferentes.
- A palavra lirismo, no poema, é índice de função metalingüística, isto é, revela que o assunto do poema é o próprio fazer poético.

#### 10) (Mack-2007)



Considere as seguintes afirmações:

- Encontra-se na tira expressão que representa a função fática da linguagem, aquela que põe em evidência o contato lingüístico.
  - Os sinais de exclamação (1º. quadrinho) expressam estados emotivos distintos.
  - As respostas da garota (2º. e 3º. quadrinhos) podem ser consideradas exemplos de orações classificadas pela gramática como reduzidas.
- Assinale:
- se apenas as afirmações I e II estiverem corretas.
  - se apenas as afirmações I e III estiverem corretas.
  - se apenas as afirmações II e III estiverem corretas.
  - se apenas a afirmação III estiver correta.
  - se todas as afirmações estiverem corretas.

#### 11) (PUC-SP-2001) A QUESTÃO É COMEÇAR

Coçar e comer é só começar. Conversar e escrever também. Na fala, antes de iniciar, mesmo numa livre conversação, é necessário quebrar o gelo. Em nossa civilização apressada, o “bom dia”, o “boa tarde, como vai?” já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol. No escrever também poderia ser assim, e deveria haver para a escrita algo como conversa vadia, com que se divaga até encontrar assunto para um discurso encadeado. Mas, à diferença da conversa falada, nos ensinaram a escrever e na lamentável forma mecânica que supunha texto prévio, mensagem já elaborada. Escrevia-se o que antes se pensara. Agora entendendo o

contrário: escrever para pensar, uma outra forma de conversar.

Assim fomos “alfabetizados”, em obediência a certos rituais. Fomos induzidos a, desde o início, escrever bonito e certo. Era preciso ter um começo, um desenvolvimento e um fim predeterminados. Isso estragava, porque bitolava, o começo e todo o resto. Tentaremos agora (quem? eu e você, leitor) conversando entender como necessitamos nos reeducar para fazer do escrever um ato inaugural; não apenas transcrição do que tínhamos em mente, do que já foi pensado ou dito, mas inauguração do próprio pensar. “Pare aí”, me diz você. “O escrevente escreve antes, o leitor lê depois.” “Não!”, lhe respondo, “Não consigo escrever sem pensar em você por perto, espiando o que escrevo. Não me deixe falando sozinho.”

Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversas e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam assuntos. Termina-se sabe Deus onde.

(MARQUES, M.O. *Escrever é Preciso*, Ijuí, Ed. UNIJUÍ, 1997, p. 13).

Observe a seguinte afirmação feita pelo autor: “Em nossa civilização apressada, o “bom dia”, o “boa tarde” já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol.” Ela faz referência à função da linguagem cuja meta é “quebrar o gelo”. Indique a alternativa que explicita essa função.

- Função emotiva
- Função referencial
- Função fática
- Função conativa
- Função poética

12) (UEMG-2006) Assinale a alternativa em que o(s) termo(s) em **negrito** do fragmento citado **NÃO** contém (êm) traço(s) da *função emotiva* da linguagem.

- Os poemas (**infelizmente!**) não estão nos rótulos de embalagens nem junto aos frascos de remédio.
- A leitura ganha contornos de “**cobaia de laboratório**” quando sai de sua significação e cai no ambiente artificial e na situação inventada.
- Outras leituras significativas são o **rótulo** de um produto que se vai comprar, os preços do bem de consumo, o tíquete do cinema, as placas do ponto de ônibus (...)
- Ler e escrever são condutas da vida em sociedade. Não são **ratinhos mortos** (...) **prontinhos** para ser desmontados e montados, **picadinhos** (...)

13) (UFC-2007) A escolha da forma verbal denuncia a intervenção do narrador, portanto está intimamente ligada a sua opção por apresentar e comentar fatos, personagens, ambientações etc. Observe, na lista abaixo, algumas das funções exercidas pela forma verbal na narrativa.

- Fazer prognóstico de um evento não concretizado.
- Evocar momentos anteriores a um fato já narrado.

- ( 3 ) Fazer menção a um fato futuro que seguramente acontecerá.
- ( 4 ) Focalizar algo ou alguém tecendo um comentário, expressando um ponto de vista.
- ( 5 ) Relatar um fato ocorrido visto a partir do momento em que a história está sendo contada.
- (6) Transportar psicologicamente o leitor ao passado para que ele veja o fato como contemporâneo.
- Valendo-se do código apresentado, preencha os parênteses ao lado de cada forma destacada, nos trechos que seguem, com o número correspondente à função desta na narrativa.
- 6.1. Certa manhã ouvi ( ) sons que se aproximavam ( ) velozes e em uma nuvem de poeira descem ( ) de dois carros uns jovens barulhentos e afogueados pelo sol e calor. Os ventos haviam me dado deles a ciência, já os esperava ( ).
- 6.2. O rapaz forçou a porta e conseguiu abri-la. Não entraram ( ) porque nele a escuridão era maior, já que das telhas que o encimavam nenhuma se quebrara ( ) ou afastara-se ( ).
- 6.3. A casa irá ( ) para o fundo das águas.– Inundou-me ao ouvi-lo, a mesma sensação alvissareira quando fui tocada pela primeira chuva. Senti ( ) que renasceria ( ) submersa no mundo das águas.

14) (UFSCar-2000) Linda tarde, meu amigo!... Estou esperando o enterro do José Matias - do José Matias d'Albuquerque, sobrinho do Visconde de Garmilde... O meu amigo certamente o conheceu - um rapaz airoso, louro como uma espiga, com um bigode crespo de paladino sobre uma boca indecisa de contemplativo, destro cavaleiro, de uma elegância sóbria e fina. E espírito curioso, muito afeiçoado às idéias gerais, tão penetrante que compreendeu a minha **Defesa da Filosofia Hegeliana!** Esta imagem do José Matias data de 1865: porque a derradeira vez que o encontrei, numa tarde agreste de janeiro, metido num Portal da Rua de S. Bento, tiritava dentro duma quinzena cor de mel, roída nos cotovelos, e cheirava abominavelmente a aguardente.

(Eça de Queirós: José Matias. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda e RÓNAI, Paulo: **Mar de Histórias** (5). 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 266.)

O trecho é o primeiro parágrafo de um conto de Eça de Queirós. Exprime uma situação de contraste entre um acontecimento humano e a natureza e está na forma de comunicação direta entre duas personagens: o narrador e um suposto ouvinte.

- Descreva a situação, explicando o contraste.
- Identifique os elementos gramaticais que denotam a presença do narrador e de seu suposto ouvinte.

15) (UFSCar-2003) Para responder à questão seguinte, leia os textos a seguir.

*Psicografia*, de Ana Cristina Cesar.  
Também eu saio à revelia  
e procuro uma síntese nas demoras

cato obsessões com fria têmpera e digo  
do coração: não soube e digo  
da palavra: não digo (não posso ainda acreditar  
na vida) e demito o verso como quem acena  
e vivo como quem despede a raiva de ter visto

*Autopsicografia*, de Fernando Pessoa.  
O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só as que eles não têm.

E assim nas *calhas de roda*  
Gira, a entreter a razão,  
Esse *comboio* de corda  
Que se chama o coração.

Vocabulário:  
comboio: trem de ferro.  
calhas de roda: trilhos sobre os quais corre o trem de ferro.

Compare os poemas de Fernando Pessoa e de Ana Cristina Cesar e responda:

- Por que se pode dizer que em ambos os poemas está presente a função metalingüística?
- Explique a ambigüidade presente no poema de Fernando Pessoa, revelada pelo título e pelo adjetivo *fingidor*, em contraste com o poema de Ana Cristina Cesar.

16) (UFV-2005) Leia as passagens abaixo, extraídas de **São Bernardo**, de Graciliano Ramos:

I. Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planeei adquirir a propriedade S. Bernardo, onde trabalhei, no eito, com salário de cinco tostões.

II. Uma semana depois, à tardinha, eu, que ali estava aboletado desde meio-dia, tomava café e conversava, bastante satisfeito.

III. João Nogueira queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante.

IV. Já viram como perdemos tempo em padecimentos inúteis? Não era melhor que fôssemos como os bois? Bois com inteligência. Haverá estupidez maior que atormentar-se um vivente por gosto? Será? Não será? Para que isso? Procurar dissabores! Será? Não será?

V. Foi assim que sempre se fez. [respondeu Azevedo Gondim] A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.

Assinale a alternativa em que ambas as passagens demonstram o exercício de metalinguagem em **São Bernardo**:

- III e V.
- I e II.

- c) I e IV.
- d) III e IV.
- e) II e V.

17) (Unicamp-1998) No Diário do Povo, jornal de Campinas, S.P., há uma seção intitulada Perguntas da Semana, que se propõe a debater "temas de interesse coletivo". No dia 9 de setembro de 1997, foi proposto o seguinte debate: Segundo análises meteorológicas, o fenômeno do El Niño provocará violentas chuvas nos meses de verão (dezembro, janeiro, fevereiro e março). Você acha que a Prefeitura deveria adotar ações preventivas para evitar inundações e desabamentos na cidade, ao invés de esperar acontecerem as tragédias?

Do modo como a pergunta foi feita, ela favorece claramente uma das respostas possíveis.

- a) Explícite como se dá o direcionamento da resposta.
- b) Reescreva a pergunta de modo a não dirigir a resposta.

18) (Unicamp-1998) Pode-se esperar de um texto bem escrito que ele seja claro, preciso, ordenado, conciso, harmônico. O escritor lança mão de uma série de recursos (lingüísticos ou textuais) para conseguir obter cada uma dessas qualidades. O trecho abaixo, de Frei Betto (parte de um capítulo do livro cujo co-autor é Leonardo Boff, Mística e espiritualidade), reúne muitas dessas qualidades, mas é, sobretudo, um texto preocupado em explicar, esclarecer. Observe a utilização de alguns recursos que tornam mais explicativo o texto: transcreva duas passagens em que isso ocorre e, de acordo com o modo como contribuem para tornar mais explicativo o texto, dê nomes - ainda que aproximados - a esses recursos.

A crise da racionalidade e a emergência do espiritual

Nos últimos anos tem havido uma emergência da mística no âmbito internacional. No Brasil, além do êxito dos livros de Paulo Coelho, nas últimas bienais (Rio de Janeiro e São Paulo) os livros mais procurados e vendidos, junto com os infantis, foram os esotéricos, aí incluídos os de espiritualidade.

A espiritualidade é uma experiência mística, mística, que adquire uma conotação normativa na nossa vida. A mística é experiência fundante no ser humano desde que ele existe na face da terra, mas há diferentes espiritualidades e diferentes modos de vivenciá-las. Na tradição cristã, são bem acentuadas as diferentes espiritualidades: beneditina, dominicana, jesuítica, franciscana.

Quais as razões dessa emergência da mística e da espiritualidade, hoje?

A primeira é a crise da racionalidade moderna, ou seja, da nossa maneira de entender o mundo, muito tributária da filosofia de Descartes e da física de Newton. A realidade não é mais perceptível de um modo global. Não podemos mais falar em tratados, em suma teológica ou mesmo em enciclopédia. Toda a nossa percepção do real é fragmentada e fragmentária. A resposta à pergunta "o que é a verdade?" nenhum de nós, individualmente, é capaz de dar, e talvez o

silêncio de Jesus tenha sido porque a Verdade não poderia ser definida em palavras.

(...)

19) (Unifesp-2002) Texto I:

Perante a Morte empalidece e treme,  
Treme perante a Morte, empalidece.  
Coroa-te de lágrimas, esquece  
O Mal cruel que nos abismos geme.  
(Cruz e Souza, *Perante a morte.*)

Texto II:

Tu choraste em presença da morte?  
Na presença de estranhos choraste?  
Não descende o cobarde do forte;  
Pois choraste, meu filho não és!  
(Gonçalves Dias, *I Juca Pirama.*)

Texto III:

Corrente, que do peito destilada,  
Sois por dous belos olhos despedida;  
E por carmim correndo dividida,  
Deixais o ser, levais a cor mudada.  
(Gregório de Matos, *Aos mesmos sentimentos.*)

Texto IV:

Chora, irmão pequeno, chora,  
Porque chegou o momento da dor.  
A própria dor é uma felicidade...  
(Mário de Andrade, *Rito do irmão pequeno.*)

Texto V:

Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira  
é esta,  
Que impudente na gávea tripudia?!...  
Silêncio! ...Musa! Chora, chora tanto  
Que o pavilhão se lave no teu pranto...  
(Castro Alves, *O navio negreiro.*)

Dois dos cinco textos transcritos expressam sentimentos de incontida revolta diante de situações inaceitáveis. Esse transbordamento sentimental se faz por meio de frases e recursos lingüísticos que dão ênfase à função emotiva e à função conativa da linguagem. Esses dois textos são:

- a) I e IV.
- b) II e III.
- c) II e V.
- d) III e V.
- e) IV e V.

20) (UNIFESP-2005) De gramática e de linguagem

E havia uma gramática que dizia assim:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta".

Eu gosto é das cousas. As cousas, sim!...

As pessoas atrapalham. Estão em toda parte.

Multiplicam-se em excesso.

As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.

Uma pedra. Um armário. Um ovo. (Ovo, nem sempre,

Ovo pode estar choco: é inquietante...)  
As cousas vivem metidas com as suas cousas.  
E não exigem nada.  
Apenas que não as tirem do lugar onde estão.  
E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa porta.  
Para quê? não importa: João vem!  
E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão.  
Amigo ou adverso... João só será definitivo  
Quando esticar a canela. Morre, João...  
Mas o bom, mesmo, são os adjetivos,  
Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.  
Verde. Macio. Áspero. Rente. Escuro. Luminoso.  
Sonoro. Lento. Eu sonho  
Com uma linguagem composta unicamente de adjetivos  
Como decerto é a linguagem das plantas e dos animais.  
Ainda mais:  
Eu sonho com um poema  
Cujas palavras sumarentas escorram  
Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,  
Um poema que te mate de amor  
Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido:  
Basta provares o seu gosto...

Observe os pares de versos:

“Substantivo (concreto) é tudo quanto indica  
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta.”

“Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido:  
Basta provares o seu gosto...”

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema,  
é correto afirmar sobre os versos que

- o primeiro par remete à idéia de **gramática**; o segundo, à idéia de **linguagem**. Neles predominam, respectivamente, a função metalingüística e a apelativa.
- ambos os pares remetem à idéia de **gramática**; portanto, neles predomina a função metalingüística.
- o primeiro par remete à idéia de **gramática**; o segundo, à idéia de **linguagem**. Nos dois pares, predomina a função referencial.
- ambos os pares remetem à idéia de **linguagem**. No primeiro, a função é metalingüística; no segundo, referencial.
- o primeiro par remete à idéia de **linguagem**; o segundo, à idéia de **gramática**. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

21) (UNIFESP-2004) fora de si  
eu fico louco  
eu fico fora de si  
eu fica assim  
eu fica fora de mim  
eu fico um pouco  
depois eu saio daqui

eu vai embora  
eu fico fora de si  
eu fico oco  
eu fica bem assim  
eu fico sem ninguém em mim

A leitura do poema permite afirmar corretamente que o poeta explora a idéia de

- buscar a completude no Outro, conforme atesta a função apelativa, reforçando que o Eu, quando fora de si, necessariamente se funde com o Outro.
- sair de sua criação artística, retratando, pela função poética, a contradição do fazer literário, que não atinge o poeta.
- perder a noção de si mesmo, e também perder a noção das outras pessoas, o que se mostra num poema metalingüístico.
- extravasar o seu sentimento, como denuncia a função emotiva, reafirmando a situação de desencanto e desengano do poeta.
- criar literariamente como brincar com as palavras, o que se pode comprovar pela função fática da linguagem.

## GABARITO

1) Alternativa: A

2) Alternativa: C

3) Alternativa: B

4) Alternativa: A

5) No Canal 17, o Ministro falará da crise.

6) Alternativa: D

7) Alternativa: D

8) Alternativa: D

9) Alternativa: E

10) Alternativa: A

11) Alternativa: C

12) Alternativa: C

13) Sequência correta: 5 – 4 – 6 – 4 – 5 – 2 – 2 – 3 – 5 – 1.

14) a) A tarde está linda (natureza), mas o narrador aguarda o enterro de um rapaz que morreu na miséria (humano). A oposição se dá, portanto, entre a beleza da tarde e a degradação da morte.

b) O narrador é percebido pelas formas em primeira pessoa do singular: “meu”, “estou”, “minha”, “encontrei”. Já o ouvinte é revelado no vocativo “meu amigo”, que depois aparece como sujeito.

15) a) Ambos tratam da questão da criação literária.

b) No título do poema de Fernando Pessoa, o prefixo ‘auto’ significa ‘por si mesmo, de si mesmo’. O Adjetivo fingidor mostra como o poeta ‘finge’ ao falar de si mesmo. Já no poema de Ana Cristina Cesar, é possível perceber como a autora trata de seus próprios (e verdadeiros?) sentimentos.

16) Alternativa: A

17) O direcionamento do leitor para uma das respostas se deve a um conjunto de operações lingüísticas: O direcionamento acontece pelo fato da colocação, dada como certa, de tempestades, desabamentos e inundações, o que leva à resposta afirmativa de que a Prefeitura deve, sim, tomar as medidas para prevenir os fatos,

Você acha que a Prefeitura deveria adotar ações preventivas contra acidentes que possam ser provocados pelo El Niño ou aguardar sua ocorrência para então tomar as medidas adequadas?

18) “No Brasil, além do êxito dos livros de Paulo Coelho, nas últimas bienais (Rio de Janeiro e São Paulo) os livros mais procurados e vendidos, junto com os infantis, foram os esotéricos, aí incluídos os de espiritualidade.”

“Na tradição cristã, são bem acentuadas as diferentes espiritualidades: beneditina, dominicana, jesuítica, franciscana.”

Os fragmentos transcritos acima exploram, respectivamente, os seguintes recursos lingüísticos :

- exemplificação, por meio da referência a um fato concreto e particular relacionado a um fenômeno geral (“emergência da mística no âmbito internacional”);

- enumeração ilustrativa (“beneditina, dominicana, jesuítica, franciscana”), que, ao discriminar vários de seus tipos, torna mais clara a expressão “diferentes espiritualidades”.

19) Alternativa: C

20) Alternativa: A

21) Alternativa: C